

## **A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX\***

*Zélia Lopes da Silva* \*\*

---

**Resumo.** Este artigo discute a memória dos carnavais brincados pelos negros na cidade de São Paulo das décadas de 20 e 30 do século XX. O caminho percorrido por essas reflexões volta-se à busca da trajetória do grupo e os espaços usados para expressar as suas performances durante as festividades dedicadas a Momo, espalhadas pela cidade de São Paulo que ainda tinham o perfil dos segmentos endinheirados que controlavam os seus circuitos. Considerando essa assertiva, a reflexão nesse texto volta-se para perscrutar quais foram os espaços forjados pelo grupo e quais estratégias foram usadas por essa comunidade para agregar-se aos festejos (oficiais ou não) ocorridos na cidade. E, igualmente, demarcar o formato e o sentido das brincadeiras encenadas por esses pândegos na conjuntura.

**Palavras-chave:** Memória dos carnavais afro-paulistanos; Carnavais dos negros; Festejos de Momo.

## **Memoirs of Afro-Brazilian carnivals in São Paulo during the 1920s and 1930s**

**Abstract.** Current analysis deals with memoirs of Carnivals celebrated by Negroes in the city of São Paulo during the 1920s and 1930s. The narrative tries to investigate the trajectory of the Afro-Brazilian group and the spaces used to express its performances during the festivities dedicated to Momo throughout the city of São Paulo, which was still characterized by wealthy people that controlled its several sections. Several discussions are endeavored to perceive the spaces fabricated by the group and its strategy to get together and celebrate Carnival (officially or non-officially). The form and meanings of playful art represented by such festivities are also highlighted.

**Keywords:** Memoirs of Afro-Brazilian Carnivals in São Paulo; Negro carnivals; Momo festivities.

---

\* Artigo recebido em 22/10/2012. Aprovado em 14/11/2012.

\*\* Livre Docente em História do Brasil. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP. Assis/SP, Brasil. E-mail: [zelials@assis.unesp.br](mailto:zelials@assis.unesp.br)

## **La memoria de los carnavales afro-brasileños de la ciudad de San Pablo durante las décadas de 1920 y 1930**

**Resumen.** Este artículo discute la memoria de los carnavales protagonizados por los negros de la ciudad de San Pablo durante las décadas de 1920 y 1930. El camino recorrido por estas reflexiones se orienta a buscar la trayectoria del grupo y los espacios usados para manifestar sus expresiones durante las festividades dedicadas a Momo, realizadas en diversos puntos de la ciudad de San Pablo, bajo la influencia del perfil de los segmentos adinerados que controlaban sus circuitos. En este sentido, la reflexión del texto se orienta a indagar sobre los espacios forjados por dicho grupo y sobre las estrategias empleadas por el mismo, para agregarse a los festejos (oficiales o no) desarrollados en la ciudad. También se busca demarcar el formato y el sentido de los juegos escenificados por las comparsas en esta coyuntura.

**Palabras Clave:** Memoria de los carnavales afro-brasileños; carnavales de negros; festejos de Momo.

---

### **Introdução**

Neste texto, serão discutidas as manifestações carnavalescas da comunidade afro-paulistana, nas décadas de 20 e 30 do século XX, na cidade de São Paulo, evidenciando suas primeiras organizações recreativas que foram responsáveis pela estruturação desse grupo e por organizar esses festejos. As lideranças negras, cientes das dificuldades para sua inserção no mundo dos brancos, decorrentes de preconceitos, criaram estratégias para enfrentar os muitos desafios, valendo-se do reforço de seus traços culturais. Criaram, em consequência, várias instituições que passaram a agregá-los, tais como: os clubes, os terreiros, os cordões, ranchos e blocos carnavalescos e publicações periódicas que buscaram valorizar o grupo ao divulgarem os seus eventos e feitos. Almejavam promover, igualmente, o diálogo com a sociedade mais ampla.

Embora os espaços de agregação da comunidade afrodescendente sejam múltiplos, neste texto pretende-se focar os folguedos carnavalescos

que se constituíram em elementos para a organização dessa comunidade na cidade de São Paulo, na passagem dos anos 20 aos 30 do século XX, a partir de seus cordões, ranchos e blocos, tal o interesse do grupo por essas festividades.

Cabe ressaltar, entretanto, que essas manifestações foram lidas pela historiografia especializada da área de Ciências Sociais no âmbito da dicotomia carnaval de elite/carnaval popular, interpretação que se consagrou e que se confunde com a memória dos carnavais do passado. Essa leitura apoiou-se no fato de os palcos das festanças carnavalescas não serem os mesmos para os diferentes sujeitos, o que serviu para a sua fixação que se amparou na continuidade das hierarquias sociais existentes na sociedade, durante essas celebrações (QUEIROZ, 1995; SIMSON, 1989), situação aparentemente inquestionável. Porém, nessas análises, foram negligenciadas as nuances para apreender os sentidos e a diversidade das brincadeiras carnavalescas, durante os Dias Gordos e, também, os desdobramentos causados pela inserção dos segmentos populares, na década de 30, nos circuitos do carnaval elegante de rua. Esse processo, contudo, não foi linear e muito menos isento de tensões. Assim, seu percurso será acompanhado tomando-se como ponto de partida a forma como a imprensa diária cobriu as manifestações desses pândegos, e o seu contraponto, expresso nos registros dos periódicos originários do próprio grupo.

## **1. Os afro-paulistanos modelam seus espaços culturais e midiáticos**

Há consenso, entre os estudiosos do assunto, de que o carnaval praticado pela comunidade negra foi, em regra, ignorado pelos órgãos de imprensa diária da cidade de São Paulo, nas décadas de 10 e 20 do século passado. As notícias, antes escassas, começaram a aparecer, com “certa regularidade”, após 1930. Contudo, ainda eram extremamente seletivas e desproporcionais em relação à cobertura do carnaval da elite. Questão já

abordada por Olga Von Simson que observou a desproporção no tratamento dado aos folguedos negros em relação aos carnavais de outros segmentos endinheirados. A imprensa noticiava “com destaque o carnaval da burguesia: o curso da Av. Paulista e os bailes em clubes e teatros [...]”. Quanto aos folguedos negros não havia referência a eles, a não ser simples menção na seção policial, quando alguma briga ou conflito com a polícia era registrada” (SIMSON, 1989, p.180).

Essa ausência de notícias sobre a participação dos negros nesses folguedos, contudo, não significou que não tivessem ocorrido ou, mesmo, sido registrados. Os seus periódicos, *Clarim*/SP (1923/1924), *O Clarim d'Alvorada* (1924/1932), *Kosmos*/SP (1923-1924), *Progresso* (1928-1932), *Chibata* (1932), *Evolução* (1933), *A Voz da Raça* (1933-1937) noticiaram sucintamente os seus desfiles nos carnavais de rua e, também, em seus clubes, ao longo das décadas de 20 e 30 do século XX.

Antes de tratar de que forma tal presença foi registrada por esses periódicos, convém esclarecer as condições de surgimento dessa imprensa no cenário paulistano. Roger Bastide (1973) e Mirian Ferrara (1986) atribuem a sua emergência às dificuldades enfrentadas pelos negros, em São Paulo, na sua convivência com os brancos, no período posterior à abolição, obrigando-os a construir alternativas próprias para a manutenção de suas vidas em todas as dimensões. Alguns homens e mulheres como Dionísio Barboza, Lino Guedes, Celso Vanderley, Sebastiana Barreto, entre outros, destacaram-se nesse processo, ao romper as barreiras e os preconceitos que dificultavam a absorção de sua comunidade na sociedade paulistana, construindo espaços alternativos de afirmação de sua identidade por intermédio da criação de instituições diversas e de veículos que ampliaram a ação e voz do grupo, como as igrejas, os terreiros, os clubes e os jornais que foram os seus porta-vozes mais eloquentes.

A imprensa assumiu papel estratégico nesse processo. Graças a ela, tornou-se possível rastrear as notícias das comemorações diversas de uma parte dos segmentos populares que habitava a cidade de São Paulo. A partir de meados da década de 20, por exemplo, a comunidade negra ganhou maior visibilidade e expressão, e isso se traduziu na ampliação de seus veículos de circulação de ideias. De 1924 a 1932, *O Clarim d'Alvorada* cobriu os eventos diversos em que esteve envolvida parte da comunidade negra. Em junho de 1928, surgiu o mensário *Progresso*, de propriedade do Sr. Argentino C. Wanderley, tesoureiro do “Grupo Carnavalesco Campos Elyseos”, considerado pela imprensa de São Paulo órgão oficioso do referido bloco. Em abril de 1933, aparece o periódico *A Voz da Raça*, com tiragem que variava entre 1.000 e 5.000 exemplares. É mantido com auxílio da “Frente Negra Brasileira”.<sup>1</sup>

Esses periódicos eram pequenas folhas que raramente conseguiam manter-se por tempo mais prolongado. E, também, tiveram dificuldade para garantir regularidade da publicação de acordo com a proposta inicial. Em seus relatos memorialísticos, os protagonistas envolvidos explicam os motivos das dificuldades desses periódicos que geralmente estavam associadas à carência de recursos (para sua publicação) e de adesão da própria comunidade, situações expressas em seus apelos de ajuda e de queixas da falta de leitores no âmbito do próprio grupo. *O Clarim d'Alvorada* queixou-se da falta de apoio e de interesse dos membros da comunidade em relação aos seus jornais. Constatou, ainda, a ausência de pagamento das assinaturas e de apoio às atividades programadas para socorrer o periódico, como o festival dançante organizado pelo cordão

---

<sup>1</sup> A referida associação foi criada em 16 de setembro de 1931 por Arlindo Veiga dos Santos, Isaltino Veiga dos Santos, Alfredo Eugenio da Silva, Pires de Araujo e Roque Antonio dos Santos com a intenção de organizar os negros em âmbito nacional. A FNB era dirigida por um Grande Conselho composto de 20 membros e um Conselho Auxiliar formado por Cabos Distritais da capital. Com sede em São Paulo, era integrada por representantes originários da capital, do interior e de outros Estados. Consultar: Ferrara (1986, p.62; 73-74). George Andrews (1998) interpretou que os propósitos da FNB eram a ascensão social do negro e comungava das ideias autoritárias fascizantes em voga no período, combatendo o liberalismo e assumindo posições xenofóbicas, acompanhando os integrantes da Ação Integralista Brasileira.

carnavalesco *Campos Eliseos*, em 1926, e que, devido às “chuvas na cidade”, foi um fracasso total, argumento que deixou inconformado os responsáveis pelo jornaleco, que no ano seguinte lamentou o ocorrido (O CLARIM D’ALVORADA, 17 jul. 1927). Mesmo assim, essas publicações tiveram significativo papel agregador para suas vanguardas e para demarcar as suas lutas, aspirações e engajamentos diversos, por se tornarem canais de veiculação dessas aspirações e de registros de suas redes de sociabilidade e convivência social fixando, assim, a memória do próprio grupo e de suas realizações.

Nesse sentido, essas publicações procuraram definir certo perfil, inclusive com capas que visavam delinear o seu layout e objetivos almejados. O *Clarim d’Alvorada*, por exemplo, era um periódico que tinha vinculação com os cordões carnavalescos e pode ser visto como signo das questões apontadas e, também, de uma experiência até certo ponto bem sucedida, considerando que o jornal durou oito anos, em que pesem os percalços enfrentados e as constantes queixas de seus responsáveis.



Imagem 1 – O Clarim d’Alvorada.

Fonte: Acervo do Cedap – Unesp.

Nesses impressos, as performances dos cordões e folguedos negros nos carnavais paulistanos foram divulgadas em pequenas notas, suprimindo, assim, lacuna sobre o assunto. As suas matérias permitiram não somente acompanhar as várias atividades geradas no âmbito dessa comunidade, mas também identificar as diferentes associações que organizaram os cidadãos negros e, ainda, o papel que desempenharam em seu interior, incluindo entre elas alguns dos cordões e blocos carnavalescos. Essas várias alternativas, propiciadas aos diferentes públicos da comunidade, sugerem, igualmente, que os seus membros partilhavam das mesmas preocupações que buscavam na *distinção* e nas *regras de convívio*, tão caras ao mundo culto, formas de demonstrar o seu “processo civilizatório”, bem como suas diferenciações internas e suas crenças políticas e expressões culturais. Tanto foi assim que esses periódicos registraram em suas páginas notícias que garantiam a individuação de seus membros. Para tal, destacaram os aniversários, casamentos e mortes e, ainda, os feitos e a notoriedade conquistada por membros da comunidade negra cuja trajetória poderia servir de inspiração aos demais, além do engrandecimento e valorização da raça. Noticiaram, também, todos os tipos de festas, até aquelas diretamente relacionadas com as atividades carnavalescas, evidenciando que os negros tinham uma *vida mundana* e, tal qual a elite, conheciam *as regras da polidez*, em claro combate ao preconceito que impedia sua inserção plena na sociedade brasileira.

Nesse processo de interação da comunidade negra, os clubes também tiveram um papel fundamental. Ao oferecerem atividades múltiplas, essas instituições viabilizaram a esses estratos sociais a ampliação de suas relações de convívio e o engendramento de práticas sociais mais diversificadas. Essas agremiações assumiram, além da demarcação dos parâmetros da sociabilidade desejada para os seus integrantes, igualmente, o papel de destaque no delineamento da identidade almejada a partir de suas atividades lúdicas —

quermesses, piqueniques, serenatas, bailes — e político-culturais realizadas ao longo dos anos. Tanto foi assim que, passado o carnaval, as sociedades recreativas definiam outro calendário de eventos que compreendiam: as festividades diversas (saraus, bailes, etc) e comemorações de datas cívicas e políticas, entre as quais a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no país.<sup>2</sup>

No âmbito dessa comunidade, havia diversidade de interesses e diferenciações de ordem econômica que impunham o surgimento de espaços de sociabilidade distintos para sua circulação como, por exemplo, os clubes<sup>3</sup> e, de ordem política que, em algumas situações, impediram o trabalho conjunto dessas entidades.<sup>4</sup> A heterogeneidade de seus integrantes, contudo, não impediu que essas associações procurassem a valorização e promoção sociocultural do grupo, deixando à margem a luta contra os preconceitos, raramente explicitados em seus periódicos.

---

<sup>2</sup> Em 1925, *O Clarim d'Alvorada* noticiou várias festas que foram organizadas por clubes como: “C. R. Paulistano”, “G.C. Campos Elyseos”, “Club 13 de Maio”, com seção solene e, em seguida, baile e mesa de doces. Juntamente com outras atividades, os bailes constituíram-se em elementos significativos na rede de relações que garantiu a sociabilidade do grupo e que ganhou destaque no noticiário de seus periódicos. Em 1926, o mesmo periódico *O Clarim d'Alvorada* trouxe notícias sobre festas realizadas pelas agremiações, com motivações diferenciadas, durante os meses de junho e julho. A saber: *C.C. Campos Elyseos* - Em 24/07/1926 realiza, em sua sede, Festival dançante em benefício do *O Clarim d'Alvorada*; *G.C. Barra Funda* - realizou em 20/06/1926, Chá Dançante em homenagem às *Amadoras* do Barra Funda, em sua sede na rua Lopes Chaves; *Elite da Liberdade* - Em 11/07/1926 realizou um sarau; *Brinco de Princesas* - Matiné dançante. Em setembro do mesmo ano, o mesmo jornal publicou na coluna **Vida Social** os bailes nomeados de matiné dançante (Kosmos), chá dançante (G.C. Barra Funda) e soirée (Campos Elyseos) realizados em comemoração ao 7 de setembro pelas associações “G.R.D. Kosmos” (sede na rua Florêncio de Abreu, 45), *G.C. Barra Funda e Campos Elyseos*.

<sup>3</sup> Estas associações organizavam a comunidade negra e, também, estabeleciam diferenças sociais entre seus integrantes. Os clubes Elite, Smart Club e Kosmos agregavam “os homens de cor” com algumas posses, em nítido esforço de diferenciação em relação à sociedade mais ampla e à própria comunidade negra. Sobre esse assunto, ver: Andrews (1998, p. 220). Para mais informações sobre outras associações dos “homens de cor”, consultar: Siqueira (2009).

<sup>4</sup> As divergências apontadas podem ser identificadas com a criação da Frente Negra Brasileira, dirigida por Arlindo Veiga dos Santos que se alinhou aos integralistas desagradando uma parte de seus integrantes da capital, São Paulo, originando o rompimento do grupo, por discordâncias político-ideológicas. Os dissidentes da capital formaram o Clube Negro de Cultura Social e a Frente Negra Socialista. Ver também: Andrews (1998, p.239)



Vale lembrar que nem sempre o dia a dia dessas associações foi marcado de êxitos. Em vários momentos, a imprensa negra registrou os percalços enfrentados por essas agremiações, que desligaram de seus quadros, ano após ano, muitos de seus integrantes por falta de pagamento das contribuições mensais. As mesmas dificuldades enfrentaram os seus periódicos, como já foi assinalado anteriormente (O CLARIM D'ALVORADA, 17 jul. 1927, p.2).

Em que pese a situação constatada, não está em questão a relevância, os significados e os papéis assumidos por tais entidades na aglutinação e defesa de seus interesses, construídos com base em sua rede de relações sociais que se ampliou no início dos anos 1930, com o surgimento de novos grupos carnavalescos e com a presença das mulheres nesse processo (EVOLUÇÃO, 13 maio. 1933, p.5), a exemplo do *Bloco das Baianas Teimosas* (também chamadas de *Baianas Paulistas*) e do *Campos Elyseos*, que teve a presença feminina integrando sua diretoria. Mas, neste texto, a intenção é evidenciar como os periódicos da comunidade negra registraram a *performance* carnavalesca desse grupo ao longo dos anos pesquisados, mesmo sabendo que os pequenos registros sobre o assunto eram posteriores ao acontecido.

## **2. Os “cordões” negros nos carnavais paulistanos: dimensões da memória nos registros de seus periódicos e de seus protagonistas**

Os estudos desses festejos pelo Brasil afora vêm mostrando que o percurso do carnaval atual nem sempre foi democrático. O seu traço definiu-se pela recorrente presença das elites no seu comando, cujos resultados foram imprimir os seus valores e o controle dos circuitos dessas celebrações por muito tempo. Até 1850, o carnaval era chamado de Entrudo e compunha-se de diversos jogos<sup>5</sup> que, desde o século XVII, dividiram a opinião das elites e

---

<sup>5</sup> Os jogos mais comuns eram: a brincadeira de jogar água (às vezes suja ou de cheiro) nos foliões ou em quem passasse pela rua; enfarinhar os foliões ou travestir-se de palhaço (ou mascarado) e arrelhar as pessoas com a brincadeira “você me conhece?”, nem sempre muito amistosa. Sobre isto, ver Cunha (2001).

autoridades, que passaram a considerá-los “perigosos, sujos e grosseiros”. Em meados do século XIX, esses jogos dividiram os espaços com o chamado “carnaval elegante” — composto de bailes de máscaras, dos “préstitos” das grandes sociedades carnavalescas que exibiam ricos carros alegóricos, e do corso de carros enfeitados — praticado pelas famílias endinheiradas, em sintonia com os seus desejos de refinamento e de adesão aos parâmetros de modernidade que se projetavam para o país.

Tal sonho “modernizador” prosseguiu com a República que instituiu novas regras para a participação dos carnavais de rua e dos clubes, definindo a obrigatoriedade de inscrição na polícia, das sociedades/clubes, cordões, blocos ou grupos e o pagamento de taxa à Prefeitura, se quisessem desfilar, com seus préstitos, nos espaços públicos, ou realizar os bailes carnavalescos. Ou seja, essas agremiações deveriam registrar-se na Secção de Divertimentos Públicos da Prefeitura Municipal, preenchendo fichas, definindo as cores que seriam usadas pelo agrupamento carnavalesco nas apresentações e pagando as respectivas taxas para receber o alvará de autorização para os eventos em espaços fechados ou na rua. Para garantir o controle, no próprio dia de carnaval, era preciso ir à Prefeitura carimbar o estandarte. Essas exigências foram reiteradas pela polícia, ao longo das décadas de 20 e 30, e amplamente divulgadas pela imprensa.

O silêncio nos registros da imprensa diária em relação à presença popular nesses folguedos suscita indagações: Qual era então a participação popular nesses festejos? E a inserção dos negros nos carnavais em São Paulo passava por quais circuitos?

Avaliar até que ponto as lideranças negras observaram as regras oficiais de solicitação dos alvarás para desenvolver as atividades de rua e dos clubes (em decorrência das proibições expressas contra iniciativas espontâneas de pândegos pelas ruas da cidade, sem autorização prévia, ou mesmo o grau de

tolerância da polícia), ainda continua uma hipótese de pesquisa a ser perseguida, mas de difícil alcance.<sup>6</sup> Os carnavalescos em suas memórias ou em relatos orais reafirmaram, em diversas ocasiões, que as dificuldades de aceitação dos desfiles públicos dos blocos dos homens de cor, por parte das elites, ainda eram marcantes no decorrer dos anos 10 (SILVA, 2000, p.53). A situação, paulatinamente, modificou-se a partir de meados dos anos 20, embora as exigências de registro continuassem em vigor. Nessa década, porém, não contavam nem mesmo com o apoio das esquerdas, que qualificavam essas festividades de alienadas e momentos de orgia de classe<sup>7</sup>, a exemplo dos anarco-sindicalistas que atribuíam a esses festejos recorrentes ameaças às mocinhas ingênuas dos segmentos populares que, nessa perspectiva, eram alvos preferenciais das investidas libidinosas dos filhos da burguesia, ávidos por divertimentos sem compromissos.

Há informações, na imprensa negra, da participação dessa comunidade nos festejos carnavalescos. O *Clarim d'Alvorada*, a exemplo dos demais periódicos do grupo, publicou em suas páginas, no decurso dos anos 20 e 30, entre outros assuntos, a participação da comunidade negra nos bailes realizados em seus clubes e, também, no carnaval de rua, com os desfiles de seus blocos, cordões, grupos e ranchos que se estruturaram a partir de 1914, inicialmente com o *G. C. Barra Funda*, em 1919, com o *G.C. Campos Eliseos*, seguido por *Nova Aliança Lyra da Madrugada*, em 1920 (O CLARIM D'ÁLVORADA, 05 jan. 1928, p.4). Esse engajamento nos festejos momescos fora registrado pelo *O Clarim* (02 mar. 1924, p.2), ao publicar, sem detalhes, que a comunidade tinha à sua disposição os bailes nas sedes dos clubes: “Flor das Maravilhas”, “Princesa

---

<sup>6</sup> Isso implicaria rastrear a documentação policial, para verificar as prisões ocorridas durante o carnaval, ao longo dos anos investigados, empreitada difícil pela ausência de informações, uma vez que a cobertura desses festejos, feita pela grande imprensa e, também, pelos periódicos alternativos, é bastante precária.

<sup>7</sup> Os comunistas não discutiram este assunto em seu principal periódico *A Classe Operária*. Ver também: (SILVA, 2008, p. 55).

do Sul”, dos “Bandeirantes”, “XV de Novembro”, “XIII de Maio”, “União Militar” e o “Grupo dos Três Carnavalescos”.

Ao longo dos anos pesquisados, as notícias sobre os bailes nos “clubes da raça” foram recorrentes. Em 1926, *O Clarim d’Alvorada* noticiou os “retumbantes bailes carnavalescos (realizados pelas) sociedades *Brinco de Princesas, 15 de Novembro, Kosmos, 13 de Maio, Campos Elyseos, Auri-verde, Paulistano e outros mais*”. Informa-nos, ainda, que o *Brinco de Princesas*, na 3ª feira Gorda, ofereceu três prêmios às fantasias, selecionadas com base nos quesitos: luxo, originalidade e beleza. Os mesmos “*foram conquistados pelas Senhoras Sebastiana Oliveira, Virgínia Santos e Esmeralda Godoy, respectivamente*” (21/03/1926, p.3). *Chibata*, outro periódico da comunidade negra, noticiou os bailes carnavalescos realizados, em 1932, pelas agremiações: *Kosmos, Campos Elyseos* e *Brinco de Princesa* (CHIBATA, fev. 1932, p.2).

Esses eventos seguiam os mesmos paradigmas dos bailes realizados nos clubes das elites que faziam certames e premiavam as fantasias mais “originais, luxuosas e belas”, iniciativas que tinham por objetivo garantir o interesse e a unicidade aos eventos realizados nesses espaços fechados e, distinção, aos seus associados e frequentadores.

Os carnavais de rua dos cordões e grupos dessa comunidade também foram recorrentemente noticiados por seus periódicos. Na coluna *Echos do Carnaval*, em 06 de abril de 1924, *O Clarin* realçou “a passeata, pelas principaes vias da cidade, dos dois cordões ‘Barra Funda’ e ‘Campos Elyseos’ (que) vem de anno em annos colhendo justas victórias, graças ao bom gosto e ao fino espirito com que em publico se apresentam” (06 abr. 1924, p.4). Paulatinamente, os “cordões”<sup>8</sup> mencionados tornaram-se referência não apenas para a comunidade negra, mas também para a sociedade mais ampla. Surgiram a

---

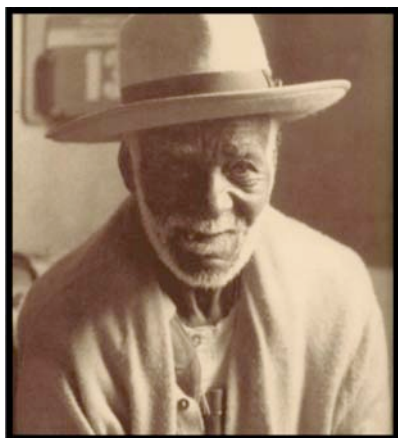
<sup>8</sup> Não havia uma clara distinção entre blocos e cordões. Muitas vezes eles surgiram e foram registrados como grupo e assim continuaram mesmo quando sua característica e estrutura foram alteradas devido ao seu crescimento.

partir de um grupo inicial familiar e de amigos que habitavam espaços distintos do bairro da Barra Funda. Essas ações, contudo, iam além dos cordões. Dionísio Barboza, por exemplo, teve papel de destaque pela liderança assumida na agregação do grupo, ao organizar piqueniques, serestas e a participação nas festas de São Bom Jesus de Pirapora, entre outras. E, também, notabilizou-se pela criação da agremiação *G.C. Barra Funda* que agregou a comunidade negra daquela região.

A trajetória dessas agremiações já foi devidamente registrada pela historiografia especializada, embora nem sempre haja consenso nessa rememoração. Porém, isso não é um problema, considerando-se que a construção da memória de qualquer grupo ou instituição define-se em meio a controvérsias, disputas e esquecimentos (POLLAK, 1989), deixando submersas outras vivências como foi possível perceber nos registros da imprensa diária sobre a ausência desse grupo nos festejos carnavalescos ocorridos na cidade. No âmbito do grupo negro, a trajetória desses cordões não foi diferente. No cotejamento sobre as origens e os percursos dessas agremiações constata-se disputas, esquecimentos das origens, de datas e de seus fundadores. Porém, a controvérsia sobre os tempos distintos de fundação dessas agremiações e de seus fundadores traduz fragmentos de lembranças já esgarçadas e já parte constitutiva da memória do acontecer carnavalesco do próprio grupo, cujo marco temporal pode deslocar-se indefinidamente porque prescinde de qualquer dimensão factual para sua afirmação (NORA, 1993).

A trajetória do *G.C. Barra Funda* é emblemática para as demais associações, não por ser a primeira, mas pelo papel aglutinador que exerceu na comunidade negra da Barra Funda. O seu caminho foi rememorado pelos periódicos da raça e por seus protagonistas, nas entrevistas dadas às pesquisadoras Iêda Marques Britto e Olga Von Simson, em momentos diferentes da década de 80, para os seus estudos do carnaval paulistano. O *G.C.*

*Barra Funda* foi fundado, em 1914, por Dionísio Barboza, Victor de Souza, Luiz Barboza. Segundo interpretação de *O Clarim d'Alvorada*, eles “deram (forma) à 1ª iniciativa de um pequeno grupo no qual tomaram parte como figura de destaque o Sr. Silvano Vidal Silveira, e Antenor dos Passos, Sebastião Dias, Tiburcio de Almeida e outros componentes” (05 fev. 1928, p.4).



**Imagem 2** – Dionísio Barboza - Fundador do Camisa Verde. Fonte: (SIMSON, 2007, p. 300).



**Imagem 3** – Sr. Victor (do cavaquinho), um dos fundadores do Camisa Verde; Sr. Antenor do Clarinete e Sr Máximo do violão. Fonte: (SIMSON, 2007, p. 304).

Iêda Marques Britto, em seu livro *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural* – utilizando-se de depoimentos de vários fundadores –, expôs versão diferente das anteriores para os integrantes que originaram o *G.C. Barra Funda*, ao enfatizar que o mesmo foi criado por um pequeno grupo de parentes e amigos, “de seis a oito rapazes companheiros de jogo de malho” (BRITTO, 1986, p.73) liderado por Dionísio Barboza, Luiz Barboza (irmão), o cunhado Comélio Aires, entre outros. Britto informou que o grupo saiu pelo bairro cantando música própria e “levando como instrumento o pandeiro e o chocalho feito de tampinhas de garrafas de cervejas fazendo tchic, tichich, tchic”. Da precária saída inicial, “foram se organizando, calças e sapatos brancos, chapéu de palha e camisa verde, substituindo os

trapos e remendos” de sua primeira exibição. No ano seguinte, foi acrescentada a “surdinha” e uma caixa remendada. E, em 1920, sua estruturação já era outra, bem mais complexa:

Em 1920 tinham já sua orquestra: Sirvano de Tietê e seu saxofone muito velho e remendado, João do Bandolim, Capistano do Trombone, Marcio, Mario, Jandiro e Vito com cavaquinhos e um clarinete, Dionísio Barboza e seu pandeiro e, o mais importante, o surdo ou o bumbão nas mãos de Marcelo Roque, que comandava, lá de trás, toda a bateria. Dos oito ou doze participantes iniciais, passaram a vinte e, no auge do crescimento em 1920, era ao todo sessenta homens, sendo que no começo alguns se travestiam (BRITTO, 1986, p.74).

Os registros, veiculados pela imprensa nos anos 30, apontavam como vestimenta do G.C. *Barra Funda* uma calça branca e uma camisa verde e, na cabeça, um capacete de estilo romano. Os seus desfiles eram animados pelas marchas sambadas, e as músicas cantadas eram de autoria de compositores do próprio cordão, geralmente feitas coletivamente por Dionísio Barboza, João Brás, Feijó (Jair Bento Ferreira) e Vitor (BRITTO, 1986, p. 76).

Na formação do cordão apareceram os conhecimentos e vivências anteriores de Barboza no carnaval do Rio de Janeiro, no rancho de Reis do pastoril, notadamente nas figuras do mestre-sala e da porta-bandeira, introduzida nas exibições públicas. Abrindo o desfile vinha o baliza, figura que teve origem e inspiração nos desfiles militares. Depois de 1921, foram introduzidas as amadoras (que executavam evoluções) e, posteriormente, o abre-alas – uma grande alegoria com a figura de um falcão. Todas essas ideias foram introduzidas pelo próprio Dionísio Barboza. A esse respeito Britto esclarece:

O grupo saía na ordem seguinte: Baliza na frente, atrás seis batedores com bastões às mãos, o porta-estandarte, o mestre-sala, que corria desde o baliza até a bateria, as amadoras (depois de 1921) e o grosso do cordão; os instrumentos ficavam divididos: clarinete mais à frente, uma caixa ao meio e por fim os instrumentos de corda, o pessoal do choro na frente da bateria que fechava o grupo. Com essa divisão assegurava a distribuição do som, todos cantando as composições próprias do grupo, de autoria de seus compositores (1986, p.75).

Igualmente não há consenso quanto ao percurso e ao dia do desfile do cordão. Na interpretação de Britto, o grupo saiu inicialmente aos domingos, repetindo nos anos seguintes o mesmo roteiro.

Desfilavam “a pé por toda a Barra Funda, Avenida São João, subindo a avenida Angélica até a Av. Paulista, descendo pela Av. Brigadeiro Luiz Antonio até o Largo São Francisco, Rua São Bento, o Triângulo até a Praça do Patriarca”. Depois o “grupo voltava com a mesma organização, passava pelo Correio, ‘faziam uma parada para as mocinhas tomarem guaraná’, subia a av. São João e chegava festivo à sede da Barra Funda, à Rua Conselheiro Brotero, casa de Dionísio Barboza e depois na Rua Vitorino Carmilo, no mesmo bairro” (1986, p.75-76).

Simson (2007), por sua vez, assinalou que o grupo desfilou inicialmente na 3ª feira, partindo do bairro em direção à Praça da Sé, repetindo dia e percurso nos anos seguintes. As notícias veiculadas pelo *Correio Paulistano*, em 1929, reafirmam que o dito cordão desfilava na 3ª feira Gorda.

Porém, desde 1919, o G.C. *Barra Funda* passara a dividir os espaços públicos com o G.C. *Campos Elyseos*, cordão também da Barra Funda, que apareceu com uma estrutura bem mais elaborada e integrada por 50 rapazes. Logo se destacou pela qualidade de seus instrumentistas. Suas cores eram o roxo (camisas) e o branco (calças). Trazia como emblema um animal, misto de águia e dragão, que o identificava em suas aparições públicas, assim informa *O Clarim d’Alvorada*, em 1927.

Na análise de Britto, os *Campos Elyseos* destacavam-se por seus “[...] instrumentistas, com o predomínio da percussão, às vezes em um número superior a 10: caixas, surdos e bumbos de todos os tamanhos. A estes juntavam-se o grupo de choro, o chamado conjunto choro, com trombone, o clarinete, o violão, banjos, chocalhos, pratos e prato com baqueta” (1986, p. 77).

Se em relação ao G.C. *Barra Funda* a controvérsia é em relação aos seus fundadores, as dúvidas em relação ao G.C. *Campos Elyseos* referem-se à



sua data de fundação. Iêda Britto (1986) afirma que o grupo saiu pela primeira vez em 1917, com um conjunto de 50 pessoas, já portando camisa roxa e calça branca. Era originário do “*Bloco dos Boêmios*”, que desde 1913 existia de forma não estruturada na Alameda Glette, na Barra Funda. Na interpretação de Simson (1989), a agremiação foi fundada em 1918 (como cordão), por um grupo de negros, com “*situação financeira um pouco melhor*” do que aqueles que formavam o “*Camisa Verde*” e, também, saía às ruas às 3ª feiras (CORREIO PAULISTANO, 08 fev. 1929, p. 4). Mas, o periódico *Progresso*, vinculado ao cordão, define sua origem em 1919.

Essa associação carnavalesca não desenvolvia enredo, mas definia um tema para apoiar as suas fantasias. Não tinha sede própria e podia iniciar o seu desfile tanto da Barra Funda quanto de qualquer outro ponto da cidade. Diz Britto: “As músicas do *Campos Elyseos* eram famosas e originárias de seu núcleo de compositores: Alcides Marcondes, João de Souza, Benedito Carmelinho, pianista respeitado e o ritmo era a marcha e não as marchas sambadas do “*Camisas Verdes (Barra Funda)*” (1986, p.78).

O sucesso dessas agremiações materializou-se em suas performances durante os festejos carnavalescos, ano após ano, como informou *O Clarim d’Alvorada*. Em 1926, esse periódico, na coluna *Echos do Carnaval*, noticiou o êxito alcançado pelos dois cordões *Barra Funda* e *Campos Elyseos*, “graças ao bom gosto e ao fino espírito com que em público se apresentaram”. (21 mar. 1926, p.3)

No ano seguinte (1927), os foliões afro-paulistanos contaram com mais uma agremiação, *A Flor da Mocidade*, originada a partir da dissidência no G.C. *Barra Funda*. Mas, ao que parece, essa ruptura não causou abalos significativos no trabalho de arregimentação do tradicional cordão que, em 1928, demonstrava a ampliação do número de seus participantes, estruturando-se por intermédio da formação de *cordões internos* que permitia o

crescimento do Grupo e a consolidação de uma estrutura descentralizada, capaz de fortalecê-lo e não o contrário. Trazem nomes convencionais, exceto “Miséria e fome” que jocosamente faz crítica as próprias condições do grupo e, por extensão, da sociedade.

Actualmente (1928) vem o “Grupo Carnavalesco Barra Funda” por intermedio de seus fundadores, organizando os cordões internos os quaes tem sido aplaudidos e dando ao mesmo grupo enorme desenvolvimento taes como: “Miséria e Fome” victorioso incontestavel; o “Angu da Bahiana” nosso rival; “Camponeses” nosso rival; “Cozinheiros” nossos discipulos os quaes trazem como chefe o sr. Zé mê-mê o terrivel folgazão Carloca que só tem encontrado com o terrivel paulista, C. e dado para tras; o sr. José Alexandre Silva não é biscoito, mais... tem que perder porque o C. não dorme. A seguir temos o chefe geral Sr Dionísio Barboza auctor e dirigente do “Grupo Infantil Barra Funda” juntamente com o sr Jorge Raphael esforçado Director do “Grupo Carnavalesco Barra Funda”, que tem procurado o enlevo do mesmo.

A seguir temos um grupo de amadoras estas que serão o braço direito do “Grupo Carnavalesco da Barra Funda” conforme suas forças legaes - são ellas que dão as mais bellas provas Carnavalescas e em todas as mais distinctas festas desta sociedade empregando seus esforços (O CLARIM D’ALVORADA, 05 fev. 1928, p.4).

No final da década, esses cordões ganharam destaques no noticiário da imprensa diária. Em 1929, o tradicional jornal *Correio Paulistano* mencionou o costumeiro desfile do “*Camisas Verdes*” (G.C. Barra Funda), na 3ª feira de carnaval (dia 12/01/1929), e o desfile do *Campos Elyseos*, composto de 100 figurantes. Seguindo a tradição, o jornal descreve que “o préstito do cordão ‘Camisas Verdes’ percorreu inicialmente as ruas do bairro, dirigindo-se em seguida ao centro da cidade, onde cumprimentará as altas autoridades, visitará as redacções dos jornais, conforme a praxe dos annos anteriores” (CORREIO PAULISTANO, 08 fev. 1929, p. 4).

Além dessa notícia, o *Chibata* ( fev. 1932, p.2) comentou sucintamente o sucesso do rancho *Diamante Negro* e dos cordões *Grupo das Babianas*, *Grupo Vai Vai* e *Grupo dos Desprezados* (Interno dos *Campos Elyseos*). No ano seguinte, *Evolução* destacou, em suas páginas, as exhibições bem sucedidas dos ranchos,

cordões e blocos da comunidade negra no carnaval, enfatizando o papel desempenhado pelo Interventor para o brilho de tais festejos e, também, as homenagens do periódico “aos feitos da nossa gente com os seus vitoriosos cordões: as *Babianas (Paulistas)*, os *Desprezados*, *Barra Funda*, *Campos Elyseos*, *Mocidade*, *Diamante Negro* (rancho) e *Vae Vae*” (EVOLUÇÃO, 13 maio. 1933, p.15).

No final da década de 20, esses cordões partilharão os espaços públicos com o *Cordão Esportivo Carnavalesco Vai Vai*, fundado em 1930, no Bexiga, por Frederico Penteado (Fredericão), Dona Iracema, Tino, Guariba, Henricão, Benedito Sardinha, Dona Casturina, entre outros.<sup>9</sup> Era originário do clube de futebol Vai-Vai, em oposição a outro clube, o Cai Cai, ambos da rua Marques Leão.

O *Vai Vai* estreou naquele carnaval fantasiado de marinho, de preto e branco, as mesmas cores do seu clube de futebol. Como os outros cordões, o *Vai Vai* não tinha um enredo, embora desenvolvesse temas para dar suporte às suas fantasias; a estrutura de seus desfiles era tradicional (as fileiras laterais), mas, já incorporava as novidades que faziam parte dos desfiles dos outros cordões, como por exemplo, o estandarte carregado por uma mulher.

O estandarte, por exemplo, vinha carregado, por mulher, D. Iracema, uma inovação de 1921 do cordão. Os Desprezados da Barra Funda, dirigido pelo Neco. Na frente, abrindo o cortejo, estavam os balizas, presente D. Sinhá, então com 12 anos, única mulher dentre 10 rapazes. Logo depois, vinha a porta-estandarte, seguida de uma comissão situada entre fileiras laterais, e no meio, a porta-bandeira. [...] No decorrer da década de 30, o Vai-Vai introduziu personagens de corte com a figura de uma rainha e de uma dama que em obediência as cores do cordão, trazia indumentária negra, sendo apelidada de “dama de negro” iniciativa esta, na idéia e na representação, de D. Olímpia, uma das primeiras figurantes femininas com que contou o Vai Vai (BRITTO, 1986, p.79).

---

<sup>9</sup> Esse cordão transformou-se no final da década de 1960 na Escola de Samba Vai Vai, e permanece com suas luxuosas exhibições, em preto e branco, nos desfiles carnavalescos dos dias atuais.

As músicas cantadas durante as exibições do cordão eram de autoria de seu núcleo de compositores: Tino, Guariba e Henricão, conhecidos sambistas desse período. Além dos fundadores, outros integrantes projetaram-se, sobretudo os membros da bateria, alguns deles tornaram-se apitadores como Sr. Livinho “aclamado como o Primeiro apitador de São Paulo” (SIMSON, 1989, p. 307), Pato N’Água e Sebastião Eduardo Amaral, o famoso Pé Rachado<sup>10</sup>, que se integrou ao *Vai Vai* em 1933 (e tornou-se seu diretor de bateria, posteriormente).



**Imagem 4** – Sr. Livinho, um dos fundadores do *Vai Vai* (primeiro apitador) fantasiado de Cossaco, 1933. Fonte: (SIMSON, 2007, p. 307).



**Imagem 5** - Pato N’Água, um dos principais apitadores do *Vai Vai*. Fonte: (SIMSON, 2007, p. 308).

<sup>10</sup> Entrevista gravada em 02/10/1981, no Museu da Imagem e do Som/SP. (Fita 112.31-32 – Carnaval Paulistano). Sebastião Eduardo Amaral era mineiro e em 1934 veio a São Paulo a passeio, com amigos. Instalaram-se no Bexiga arranjando trabalho como pedreiro, embora em Minas fosse padeiro. Em 1934, viu o *Vai Vai* e resolveu se ligar ao grupo. Em Minas tinha um bloco e já tocava surdo acompanhando congada. Em seu depoimento diz que entrou para o *Vai Vai* por meio de seu amigo Cota. Ficou na fila para entrar na bateria. Esperou dois anos para entrar no surdo. Depois passou a tocar bumbo, em substituição a um rapaz que morreu. Depois passou para “apitador”. Não tinha interesse de ser “apitador”, quando Pato N’Água se retirou, assumiu essa posição. Ficou três anos dirigindo a bateria. Amaral afirma que o *Vai Vai* teve importância significativa na década de 1930 e decaiu nas décadas de 1940 e 1950.



**Imagem 6** - Sebastião Eduardo Amaral

In: Blog Multissamba – *Mestre Pé Rachado*. Disponível em:  
<http://multisamba.blogspot.com.br/2010/09/mestre-pe-rachado.html>. Acessado: 22 out. 2012.

*Vai Vai* destacou-se em relação aos outros cordões, como lembra Sebastião Eduardo Amaral, por prevalecer os instrumentos de couro, além da caixa, rufo, prato e chocalho, que vinham na frente dos bumbos enormes, sempre mais de um. Depois, o cordão criou a caixa carioca que produzia um som semelhante ao repinique dos tempos modernos. A participação dos elementos de choro era menor entre os instrumentistas, como informa Amaral, em entrevista a Ieda M. Britto, em 1979. Embora fosse um cordão do bairro Bexiga e composto de núcleo familiar, tal qual os demais cordões, aglutinou em torno de si foliões originários da Barra Funda ou integrantes do *Campos Elyseos*.

A memória dos carnavais dessa comunidade vai além das notícias sobre a participação nos desfiles ocorridos pela cidade. No início da década de 30, a *Frente Negra Brasileira* (FNB) instituiu um certame para as agremiações carnavalescas da comunidade negra e ofereceu a *taça Artur Friedenreich* — em homenagem ao famoso jogador de futebol, filho de alemão e mãe afro-brasileira —, inaugurando uma situação peculiar no âmbito desses festejos, uma vez que as preocupações dessa organização voltavam-se para questões gerais, como a educação do grupo, as moradias próprias, acesso aos empregos

públicos, informadas por concepções políticas de direita próximas às dos integralistas, atuantes na conjuntura.

Embora não atuasse no carnaval, a *FNB* procurou marcar sua presença na comunidade negra, organizada em torno dos folguedos de Momo, criando um certame que, em detrimento de ser calcado nos moldes daqueles patrocinados pelas elites, perseguiu um caminho próprio, valorizando os seus ícones e símbolos, ao homenagear os membros proeminentes de seu grupo. Mesmo assim, teve dificuldade para garantir a unanimidade desejada, pois nem todas as agremiações compareceram ao evento, evidenciando uma linha de tensão entre a *FNB* e os outros grupos organizados dessa comunidade, uma vez que não partilhavam das mesmas posições político-ideológicas, muito embora não explicitassem essas diferenças. As informações publicadas pelo periódico *A Voz da Raça* enfatizaram que “[...] participaram do concurso os seguintes cordões: Camisa Verde, Bloco do Boi, Cordão das Bahianas, Bloco da Mocidade; não compareceram ao concurso, por motivos que ainda ignoramos os seguintes: Desprezados, Vae-Vae, Campos Elyseos e Diamante Negro” (01 abr. 1933, p.3).<sup>11</sup> O certame, diferente dos demais, ocorreu no *Clube S. Paulo* ao qual foi confiada a incumbência de sua realização. O desfecho final ocorreu em baile convocado especificamente para a entrega do troféu, cuja posse era apenas por um ano.

No carnaval de 1934, novamente, temos notícias da ocorrência de tal certame, embora a taça oferecida ao primeiro premiado tenha sido denominada *Frente Negra Brasileira* e não faça nenhuma referência ao jogador de futebol homenageado no ano anterior. Na coluna *Ecos do Carnaval*, publicada em *A Voz da Raça*, o jornal noticiou o concurso instituído pela *Frente Negra Brasileira*,

---

<sup>11</sup> Está ausente desse concurso o GC *Campos Elyseos* e alguns cordões de sua área de influência, como *Vae Vae*, *Desprezados* (grupo que saiu do GC *Barra Funda*). Foi a partir desse grupo que saiu a entidade que, na conjuntura, fazia oposição à *FNB*, por discordar de suas posições político-ideológicas.

entre os “cordões paulistas que disputavam artística taça”, o qual foi realizado na 3ª feira de Carnaval. Informou, ainda, que o julgamento foi feito pela seguinte comissão: Salatiel de Campos, Altino Mendes e Francisco Lucrécio.

Compareceram ao evento os seguintes blocos e cordões: *Mocidade do Lavapés*, *Caveira de Ouro*, *Baianas Carnavalescas*, *Flor da Mocidade*, *Bloco Naval*, *Vae Vae*, *Desprezados*. O resultado do concurso apontou o vitorioso, o “popular cordão G.C. Vae Vae que se apresentou com cento e tantas figuras estandarte – balisas - comissão de frente – clarim - música, fazendo graciosas evoluções, cantando as marchas mais lindas inclusive uma em homenagem a F.N.B.”. O segundo lugar coube ao Bloco Carnavalesco *Flor da Mocidade*. Outros prêmios foram oferecidos aos balizas: “Ao Balisa do G. C. Vae Vae – uma taça oferecida pela Voz da Raça; Ao Balisa do Caveira de Ouro, Sr Avelino Traves – uma medalha de prata oferecida por esta redação; Ao Balisa Flor da Mocidade, Sr. Valdomiro Corrêa dos Santos – uma medalha de prata” (A VOZ DA RAÇA, 14 abr. 1934, p.3).

### 3. As barreiras para colocar o “bloco na rua” e os novos aliados

A aparente ausência de conflito não pode confundir o leitor, pois as proibições aos desfiles dos blocos e cordões que não tivessem o alvará da polícia foram uma realidade vivenciada pelos negros (e demais foliões pobres), situação que se agravava pelo fato de não terem um espaço definido para suas apresentações, ao contrário do que ocorria com os demais componentes de agremiações da elite endinheirada. Por exemplo, os primeiros cordões lutaram, sem sucesso, para desfilar nas avenidas centrais. Apesar da investida fracassada, em todos os desfiles dirigiam-se ao centro da cidade para “prestar homenagem à autoridade policial máxima”, pedindo, informalmente, a sua anuência para a continuidade do desfile. Também desfilavam em frente aos grandes jornais. Dirigiam-se, em seguida, aos “clubes da raça” localizados na região central da

cidade de São Paulo, onde podiam exibir-se sem se preocuparem com as investidas da polícia. Fugir a esse enquadramento significava entrar em confronto com a polícia que tolerava os folguedos negros, com suas marchas-sambadas, apenas durante os dias de folia carnavalesca (SIMSON, 1989). O sambista Alberto Alves da Silva, “o Seu Nenê da Vila Matilde”, em depoimento a Ana Braia, fala sobre essa memória da repressão policial aos músicos negros no livro *Memórias de Seu Nenê de Vila Matilde*, no qual o autor corrobora informações que já haviam sido dadas pelos contemporâneos, sobre a perseguição policial aos negros, nos anos 20 e sua extensão ao samba, que era tolerado apenas durante o carnaval.<sup>12</sup>

As dificuldades enfrentadas pelos negros em seu cotidiano obrigaram-nos a pensar outras estratégias para contornar as interdições e problemas que não se resumiam apenas às investidas da polícia. Nos bairros onde moravam, embora fossem a maioria, também tinham que conviver com imigrantes pobres de cor branca, de diferentes nacionalidades. No bairro da Barra Funda, por exemplo, também moravam italianos, portugueses e sírios. “Era com essa população que os cordões teriam de estabelecer relações cordiais e tentar conquistá-la, para poderem ocupar o espaço comum das ruas para seus ensaios e apresentações” (SIMSON, 1989, p.171). Sebastião Amaral também fala sobre essa relação, sobretudo, com os “italianos batateiros” e os sírios, informando que ambos ajudavam financeiramente o *Vai Vai*.<sup>13</sup>

Entre os integrantes do cordão *Camisas Verdes* (G.C. Barra Funda) havia preocupação em relação a essa aproximação. Com os italianos, ela manifestou-se de diversas maneiras: apoio financeiro (contribuição no livro de ouro),

---

<sup>12</sup> Consultar sobre o assunto, o livro *Seu Nenê de Vila Matilde* (Alberto Alves da Silva) no qual o autor relembra que nos anos 19 e 20, o samba só era permitido nos dias de carnaval (SILVA; BRAIA, 2000, p. 53).

<sup>13</sup> A presença de brancos no cordão *Vai Vai* somente ocorreu em 1953, segundo o depoimento já citado, de Sebastião Amaral (MIS - Fita 112.31-32 – Carnaval Paulistano).



aplausos e torcida. Porém, a participação de brancos como integrantes dos blocos e cordões negros, segundo os depoimentos dos sambistas, não era bem aceita pelos próprios brancos que hostilizavam aqueles que, em algum momento, manifestaram interesse em integrar-se à brincadeira. Nesse particular, havia certa reciprocidade. Embora as explicações de ambos procurassem amenizar as divergências, elas não conseguiram esconder que os obstáculos eram étnicos e não culturais.

Em que pese a paulatina incorporação dos negros aos folgedos mais amplos, isso não significou a eliminação do preconceito e da intolerância, que ainda definiam as relações entre negros e brancos, nos anos 30. O Seu Zezinho, do cordão *Camisas Verdes* (em depoimento ao Museu da Imagem e do Som – MIS), músico que integrava o conjunto *Águias da Meia Noite*, de maior projeção de São Paulo, afirma que o grupo enfrentou muitas dificuldades para tocar nas rádios locais, por causa do preconceito. Em seu relato diz que era músico, mas trabalhava antes, para sobreviver, em trabalho pesado “carregando sacas de café”. Como músico, informa que trabalhou na rádio Alvorada, com o grupo “Águias...”. Mas não conseguiu gravar suas próprias músicas, o que levou a desagregação do grupo, anos depois, por causa dos problemas de sobrevivência: “os cachês eram muito baixos” e nem todos os integrantes “queriam viver exclusivamente da atividade musical, como gostaria que ocorresse”.<sup>14</sup>

As pesquisas que abordaram outros aspectos envolvendo a comunidade negra chamaram a atenção sobre sua exclusão, inclusive no mercado de trabalho livre, cuja inserção ocorreu sob condições de desigualdade, se comparadas a da população branca (ANDREWS, 1998). Outros aspectos de seu cotidiano também foram afetados por essa intolerância.

---

<sup>14</sup> Sobre o assunto, consultar o depoimento que se encontra no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. (MIS - Fita 112.4-5 – Carnaval Paulistano) e Moraes (2000).

O jornal *A Voz da Raça*, na matéria “Os Sambas e os bailes”, publicada em 30 de setembro de 1933, protestou contra o tratamento dado aos negros, pelos senhoriais. Quando se candidatavam ao aluguel de um imóvel, as exigências do proprietário iam da proibição de receber visitas até a de realizar bailes, deixando-os tolhidos em sua privacidade. Ironiza o término da escravidão e defende o direito à privacidade, como no seguinte trecho:

Até a casa que nós alugamos e pagamos pontualmente, não temos o direito de fazer um divertimento. Eu penso que depois que nós trabalharmos seis dias em qualquer serviço que seja para a manutenção da nossa prole, também temos o direito de procurarmos um divertimento qualquer porem, lícito, com ordem e respeito, que são as principaes da(s) Bases (da) Educação (A VOZ DA RAÇA, 30 set. 1933, p.3).

Em meio às dificuldades houve, também, valorização do negro no plano simbólico, pelos intelectuais modernistas, que em suas representações passaram a considerar a sua cultura, como os pintores Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e Portinari e os escritores José Lins do Rego (*Moleque Ricardo* - 1933) e Jorge Amado (*Subterrâneo da Liberdade*) o que, apesar dos percalços, definia o seu lugar na sociedade brasileira.

Essas ações foram além da dimensão simbólica. Em 1935, o Prefeito Fábio Prado “oficializa” os folguedos praticados pelos ranchos, blocos e cordões, ao definir um lugar específico para sua exibição. Certamente, o intelectual modernista Mário de Andrade foi partícipe dessa decisão, na qualidade de Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura na ocasião<sup>15</sup>. Também era sabido o seu contato com o reduto negro mais inacessível da Barra Funda, devido ao seu interesse pela música e demais expressões culturais do grupo.

Assim, foi nesse contexto que, nos carnavais de 1935 a 1938, as diversas agremiações dos negros e as das classes populares brancas participaram

---

<sup>15</sup> Informações sobre a gestão de Mário de Andrade, consultar Moya (2011).

dos desfiles organizados pela Prefeitura da capital, que definiu como palco para suas apresentações a rua Líbero Badaró, distinto do espaço cenográfico oficial montado na Av. S. João, destinado às exibições das grandes sociedades carnavalescas provenientes das elites ou por elas apoiadas, qualificadas de o “grande carnaval” ou “carnaval burguês”. Essa participação pressupunha inscrever-se oficialmente para os desfiles, nos dias marcados pela Prefeitura, para a exibição de suas agremiações que seriam avaliadas por especialistas definidos pela Comissão Oficial dos festejos, segundo os quesitos: “luxo, originalidade, escultura, harmonia, indumentária, canto, evoluções e iluminação” (CORREIO PAULISTANO, 05 mar. 1935, p. 7).

Essas alterações faziam parte do movimento de “nacionalização do carnaval”, que introduziu, em sua estrutura, as lendas, os mitos brasileiros diversos e as músicas, os ritmos e o gingado provenientes do universo afro-brasileiro. Durante esses festejos, a cada ano, foram instituídos concursos para eleger as melhores marchas e sambas carnavalescos. Essas canções passaram a animar os bailes pelo Brasil afora e, em São Paulo, deram vida às exibições dos desfiles públicos, considerando-se que apenas os blocos, ranchos e cordões negros tinham um núcleo de músicos e compositores. Os demais cordões parodiavam as letras das canções que faziam sucesso nas rádios (SILVA, 2008, p. 184). No caso de São Paulo, os compositores negros não chegaram a alcançar a mesma projeção obtida pelos seus colegas do Rio de Janeiro, embora alguns tenham se destacado, como já assinalado anteriormente.

No carnaval de 1935, por exemplo, houve uma vasta programação de eventos públicos, até um concurso oficial de marchas e sambas, mas não há notícias da participação de músicos e compositores negros. As notícias focalizam os desfiles de grupos, blocos, cordões e ranchos<sup>16</sup>, cujos pré-

---

<sup>16</sup> A definição de cada categoria era feita pelo número de participantes, a saber: “Grupo” - até 25 pessoas; “Blocos” - de 25 até 50 pessoas; “Cordões” - de 50 pessoas para cima; “Rancho”, qualquer número de pessoas, sendo, porém, obrigatório o enredo.

requisitos, para vencer o certame, seriam o seu enquadramento aos critérios acima especificados. Ou seja, exigências que as entidades negras tinham dificuldades em cumprir e, nesse sentido, estavam “formalmente concorrendo”, mas em grandes desvantagens frente aos seus concorrentes de origem branca. Naquele ano, os inscritos foram os seguintes:

“Grupos” - Vindos do sertão - No me misturo - Grupo X da Radio Educadora - Veteranos da Serra.

“Blocos” - Franco-Brasileiro - Bloco do Roma - Flôr da Mocidade - Mocidade do Lavapés - Filhos da Candinha - Bloco Moderado - Cordão dos Innocentes - Bloco do Jockey Clube “Nossa Vida é um Mystério” - Bloco da Banda Auri-Furgente de Jundiahy - Bloco Banda.

“Cordões” - Luso-Brasileiro - Caveiranos - Gerandino - Terminiano - Cordão Rugggerone - Camisas Verdes - Campos Elyseos - Tenentes do Hispano - Caveira de Ouro - Bahianas Paulistas - Vae-Vae - Marujos Paulistas - Cordão Sammarone - Cordão Liberdade -Peccadores sem arrependimento - Bloco das Misses, de Santos.

“Ranchos” - Garotos Olympicos - Diamante Negro - Mimoso Príncipe Negro - Rancho Luiz Gama - Arranchados de Quitau’na” (CORREIO PAULISTANO, 05 mar. 1935, p. 7).

Não há registros sobre a música e o tema, exibidos pelos diversos grupos nesses desfiles oficiais. A participação negra no conjunto de eventos realizados nesse ano ficou restrita ao desfile dos blocos e cordões, marcando uma presença significativamente desigual, se comparada à dos demais eventos organizados pelos clubes e associações da elite e da classe média. Concorrer com o luxo do carnaval da elite branca era extremamente difícil, considerando-se a origem dessas agremiações.

Nos anos seguintes, os blocos, ranchos e cordões fizeram sua exibições na rua Líbero Badaró. Em 1937, as associações inscritas foram avaliadas pelos jurados: Prof. Achilles Bloch da Silva, Fernando Mendes de Almeida, Menotti del Picchia (literato), Serpa Duarte e Castro Carvalho (O ESTADO DE S. PAULO, 11 fev. 1937, p.7). Em 1938, os desfiles foram separados pelas modalidades — ranchos, cordões, blocos e grupos — cada uma delas julgadas por critérios específicos. Os ranchos foram avaliados pelo “enredo, luxo, Diálogos (Maringá. Online), v. 16, supl. Espec., p. 37-68, dez./2012.

iluminação, evolução, porta-estandarte e mestre-sala”<sup>17</sup>, e os cordões pelos quesitos “luxo, iluminação, canto, evolução e baliza”.<sup>18</sup> E os blocos e grupos pelo “luxo, originalidade, canto e evolução”.<sup>19</sup>

Embora não seja possível, por falta de informação, saber o que foi apresentado por esses cordões nos referidos desfiles — que traziam o baliza à frente, o estandarte e a não-obrigatoriedade de enredo —, sabe-se que a pugna para integrar-se aos carnavais da cidade era antiga. Certamente, as pressões dos segmentos populares, tendo como aliados parte das elites, movidas por interesses múltiplos, entre eles os do comércio, da indústria e dos meios de comunicação de massa — imprensa e rádios — que viam aí a possibilidade de negócios lucrativos, tornaram viável essa inserção. Um dos argumentos arrolados pela imprensa, em alguns momentos, foi a necessidade dessa festa republicanizar-se para recuperar a animação dos folguedos.

### **Considerações finais**

Neste texto, portanto, procurou-se refletir sobre o envolvimento dos negros nos carnavais (oficiais ou não) de rua da cidade de São Paulo e, em seus clubes, nas décadas de 20 e 30 do século passado. A participação nos certames oficiais somente viabilizou-se na gestão do Prefeito Fábio Prado, em 1935/1936/1937, graças à presença de Mário de Andrade à frente da Secretaria de Cultura e Recreação do Município de São Paulo que criou modelo de apresentação das agremiações populares, nos espaços públicos, inclusive as dos negros. A proposta envolvia o julgamento das exposições, por músicos, literatos e artistas

---

<sup>17</sup> A Comissão Julgadora era composta dos seguintes membros: Dr. Miguel Paulo Capalbo; Escultor Victor Brecheret; Pintor B. Bastos Barreto (Belmonte); José de Castro Carvalho; Dr. José Corrêa da Silva Junior.

<sup>18</sup> A Comissão Julgadora era composta dos seguintes integrantes: Dr. Miguel Paulo Capalbo; Escultor Victor Brecheret; Pintor B. Bastos Barreto (Belmonte); José de Castro Carvalho; Dr. José Corrêa da Silva Junior.

<sup>19</sup> Integravam a Comissão Julgadora: Prof. Achilles Bloch da Silva; Pintor J. Wash Rodrigues; Dr. Ribas Marinho, Álvaro Vieira; Maurício Loureiro Gama (CORREIO PAULISTANO, 26 fev. 1938, p. 10).

plásticos, de formação acadêmica, originários das escolas de Belas Artes e dos Conservatórios de Música, reordenamento que serviu de parâmetro para os carnavais posteriores.

Nota-se, nesse processo, a complexidade das relações culturais entre brancos e negros, como sugere Thompson (1998, p.17), com elementos consensuais, mas também situações de conflitos cujos resultados foram, após “insistentes negociações”, nem sempre explicitadas, para a participação dos carnavais oficiais da cidade. Essa questão foi explorada com base em indícios dispersos, tal a precariedade das notícias da presença do grupo nestes festejos, até mesmo em seus periódicos, cujos registros resumem-se a rápidos informes sobre os desfiles de seus cordões e ranchos pelas ruas da cidade. Porém, as relações de convivibilidade, entre brancos e negros, embora perpassadas por dificuldades e conflitos, elas não impediram práticas culturais partilhadas e, também, dissonantes nos moldes da acepção bakhtiniana (BAKHTIN, 1987), a partir dos anos 30, considerando-se que as músicas e ritmos (marchas e sambas provenientes dos núcleos culturais negros) chegaram aos salões frequentados pelas elites e pelos segmentos médios da sociedade brasileira de forma desigual no país. No caso de São Paulo, houve partilha dos espaços públicos – no curso, com a presença dos caminhões (modalidade não abordada neste texto), e nos desfiles oficiais – e da mídia (jornais e rádios). Porém, a incorporação pretendida pelos negros afro-paulistanos, nessa conjuntura, foi aquém do esperado por esses protagonistas<sup>20</sup>, visto que os músicos do grupo tiveram dificuldades de inserção nos espaços culturais da cidade.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> O deslocamento de elementos da cultura negra para o mundo das elites, como foi se explicitando nos carnavais do Rio de Janeiro, nas décadas seguintes, com festejos que passaram a ser regidos pelo ritmo e o gingado do samba e do batuque, originários daquele universo cultural, redefine paulatinamente o perfil dos carnavais do país para os anos seguintes, o que somente ocorreu em São Paulo no final dos anos 60, com a oficialização das Escolas de Samba. Informa Sebastião Amaral que o cordão *Camisas Verdes* e o *Vai Vai* somente mudaram para Escola de Samba em 1971.

<sup>21</sup> Esta questão foi discutida amplamente por José Geraldo Vinci de Moraes (2000) que constata os preconceitos e as dificuldades para os músicos negros conseguirem espaços e financiamentos nas rádios da cidade e, também, as dificuldades de gravação de suas músicas.

## Fontes

A VOZ DA RAÇA. São Paulo, 01 abr. 1933; 30 set. 1933; 14 abr. 1934.

CHIBATA. São Paulo, fev. 1932.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 08 fev. 1929; 05 mar. 1935 .

DEPOIMENTO. Sebastião Eduardo Amaral (Pé Rachado). MIS (Fita 112.31-32 – Carnaval Paulistano).

DEPOIMENTO. Seu Zezinho. MIS (Fita 112.4-5 – Carnaval Paulistano).

EVOLUÇÃO. São Paulo, 13 maio. 1933.

O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, 21 mar. 1926; 17 jul. 1927; 05 jan. 1928; 05 fev. 1928.

O CLARIM. São Paulo, 02 mar. 1924; 06 abr. 1924.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 11 fev. 1937.

## Referências

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad. Magda Lopes. Bauru/SP: Edusc, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/UnB, 1987.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo/Perspectiva, p. 129-156, 1973.

BRITTO, Ieda Marques. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FERRARA, Miriam N. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

MOYA, Fernanda Nunes. *A Discoteca Pública Municipal de São Paulo: um projeto modernista para a música nacional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia*. História, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. A ordem carnavalesca. *Tempo Social*. São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 25-45, 1995.

SILVA, Alberto Alves; BRAIA, Ana. *Memórias do Seu Nenê da Vila Matilde*. São Paulo: Lemos Editorial, 2000.

SILVA, Zélia Lopes da. *Os carnavais de rua e dos clubes da cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Edunesp: Londrina: Eduel, 2008.

SIMSON, Olga Rodrigues Moraes. Von. *Branco e negro no carnaval popular paulistano. 1914-1988*. 1989, 2451f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, São Paulo, 1989.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Carnaval em preto e branco*. Carnaval popular paulistano (1914-1988). São Paulo: Editora da Unicamp/Edusp/Imprensa Oficial, 2007.

SIQUEIRA, Uassyr. Clubes recreativos. Organização para o lazer. In: AZEVEDO, Elciene et al. *Trabalhadores na cidade*. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 271-311.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.